

# A MÚLTIPLA PLASTIC

D.F. Brasília

Robert Polidori/Divulgação



Vista interna da fachada suspensa do Superior Tribunal de Justiça, obra que Marianne Peretti criou, mas não assinou

## MARIANNE PERETTI

ANA WEISS

**A** primeira vez que viu a obra de Niemeyer, Marianne Peretti estava em Paris, na casa de sua mãe. Foi pela televisão que a artista plástica francesa teve o primeiro contato com o trabalho do arquiteto para quem, anos depois, desenharia um dos maiores vitrais da história da humanidade, uma obra de mais de 2 mil metros que cobre a Catedral de Brasília.

O desenho imenso, projetado em escala natural manualmente, custou à artista francesa três anos de trabalho e, por pouco, sua coluna vertebral e seus rins, prejudicados pelo esforço físico empreendido na criação do enorme tracejado de curvas preenchidas com nuances de azul, verde e branco que coloriram o céu de Brasília desde 1990. E, conta ela, pouca gente sabe disso.

"Para começar a história, a maioria dos políticos de Brasília acha que Peretti é homem", brinca Marianne, que hoje vive e trabalha em uma espécie de castelo modernista, uma casa antiga reformada por ela em Olinda. Marianne é, ao lado de Athos Bulcão e Alfredo Ceschiatti, uma das colaboradoras de Niemeyer que mais ajudaram a construir a imagem das edificações do arquiteto.

Outro exemplo dos muitos trabalhos que fez por encomenda para os prédios de Brasília é a fachada do Tribunal Superior de Justiça, um gigantesco pa-

nel de concreto suspenso, que Marianne gostaria muito de ver assinado com o seu nome. "Mas Oscar diz que essas coisas são bobagem", explica.

Poucos dias depois de conhecer o trabalho de Niemeyer, a artista plástica tomou um avião até o Rio, onde procurou o arquiteto oferecendo seus serviços. "Ele me mandou entrar numa sala vazia, entregou-me um lápis e uma folha de papel e me disse para criar um desenho."

A sala vazia, esclarece Marianne, era uma forma de o arquiteto certificar-se de que seus futuros desenhistas não estivessem realizando cópias. "A cada 15 minutos ele entrava perguntando se já estava pronto", recorda Marianne. "Se tem uma coisa que aprendi com Oscar foi trabalhar rápido."

Ela diz que quis trabalhar com o arquiteto por conta de uma admiração profunda por seu trabalho, o que não lhe rendeu reconhecimento, dinheiro ou local garantido no rol da fama. "A verdade é que pouca gente sabe que fiz parte dos projetos importantes dele e, quando sabem, ignoram que tenho muitas outras criações, realizadas com a mesma vocação artística com que criei para Oscar."

Filha de mãe francesa e pai pernambucano, Marianne - Maria Anna Antonieta Peretti, de nascimento - fugiu da escola para estudar arte. Desde pequena, sempre visitou exposições de pintura e escultura, preferencialmente as modernas. Expressão mais forte de sua arte, o tra-

balho com vidro veio depois, quando já vivia no Brasil. "Achava boa parte dos vitrais que conheci na França bastante caofana", observa. "Principalmente aqueles do século 16, que eram cópias de quadros."

Única mulher a trabalhar com Niemeyer nos edifícios de Brasília, ela diz que o vidro a seduziu aos poucos. "Esse material sempre esteve ligado a uma aura de mistério", observa. "Houve um tempo em que os habitantes de Murano nem mesmo permitiam que o segredo dos vitrais coloridos saísse da ilha."

A artista veio para o Brasil na década de 50, trazida por seu marido inglês que vivia em São Paulo. Seu primeiro vitral foi feito sob encomenda para a arquiteta e amiga Janete Costa, para quem produziu uma série de trabalhos desde então.

Ela lembra que aquele primeiro encontro com o vidro, trabalho associado a um relevo de concreto, transformou sua relação com a arte para sempre.

"Mas nunca deixei de pintar, desenhar e criar objetos e também continuei a projetar móveis", ressalva. Marianne expõe com frequência em Olinda e participa de coletivas pelo Brasil com seus objetos, nos quais prevalecem elementos como os pássaros e a cor branca, também presentes nas criações feitas por encomenda para Niemeyer.

Ela observa que a produção de vitrais em sua trajetória só foi possível graças à descoberta

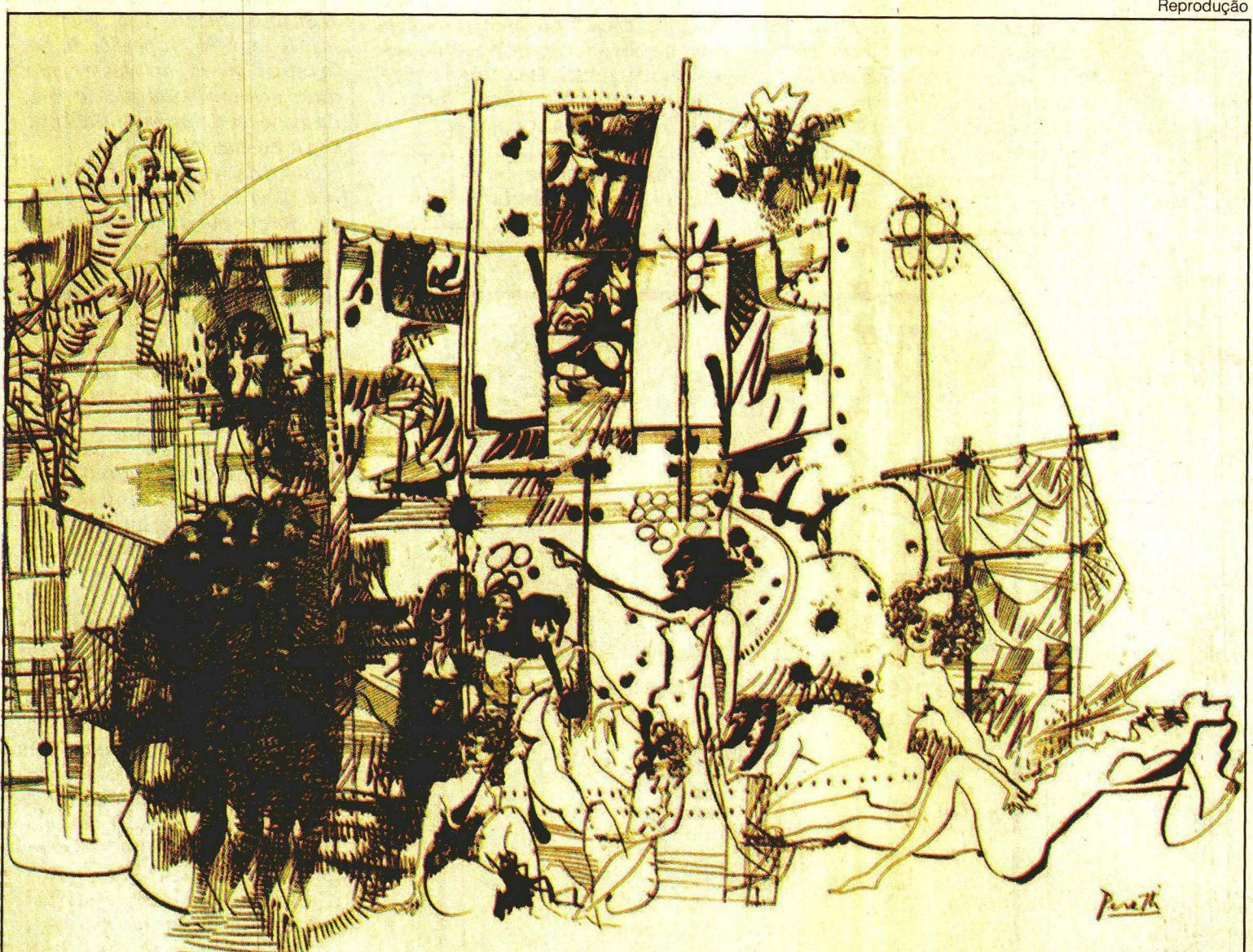
das possibilidades do abstracionismo, que pareciam limitadas dentro das igrejas parisienses do século 16. "Percebi que era possível inventar a modernidade no vidro e criar uma linguagem que pudesse ser incorporada à nova arquitetura de então."

Com essa premissa, Marianne aplicou sua cuidadosa pesquisa com o material em painéis de Brasília, de São Paulo, do Rio, de Porto Alegre, do Recife, de Fortaleza, Teresina, Turim e Paris. A diferença em relação às exposições comuns é que parte dessas criações pode ser vista até hoje nos locais para os quais foram desenhadas.

**Dalí** - Salvador Dalí estava na primeira exposição de Marianne, em Paris, ocasião em que vendeu quase todas as obras à mostra. "Tive muita sorte", acredita Marianne que, na verdade, soube inventar a própria sorte, assim como inventa as cadeiras em que senta e os tapetes nos quais pisa.

Com o fim de seu casamento, a artista plástica deixou São Paulo e seguiu para Olinda, onde vive até hoje. Em seu estúdio instalado no hall de entrada da antiga casa e equipado com prancheta, régua e trena, Marianne concentra suas atividades artísticas individuais e seu trabalho em parceria com arquitetos. Lá também ela realiza as reuniões com o grupo do movimento Salve Olinda, dedicado à preservação cultural e ambiental da cidade, a cada ano mais sucateada pelo turismo de carnaval.

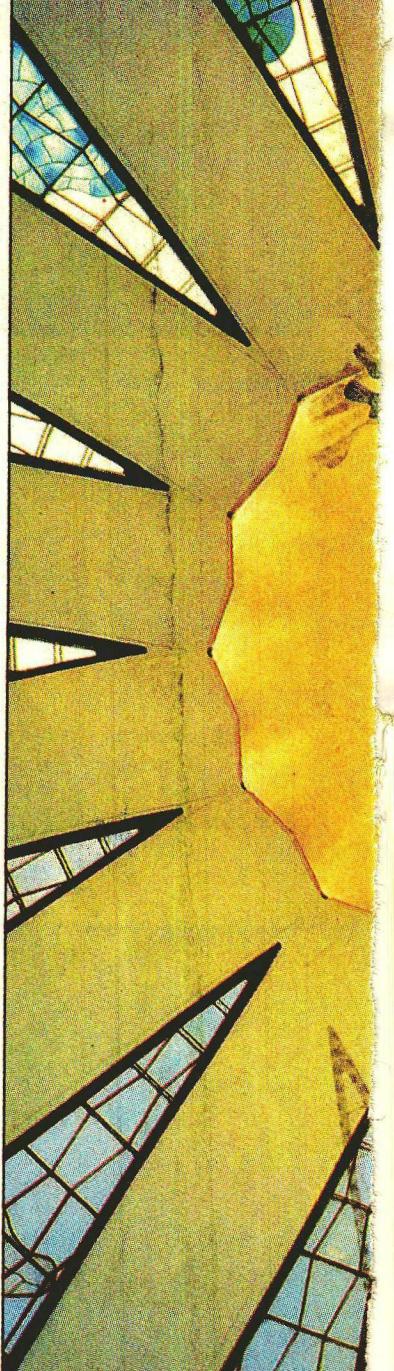
Reprodução



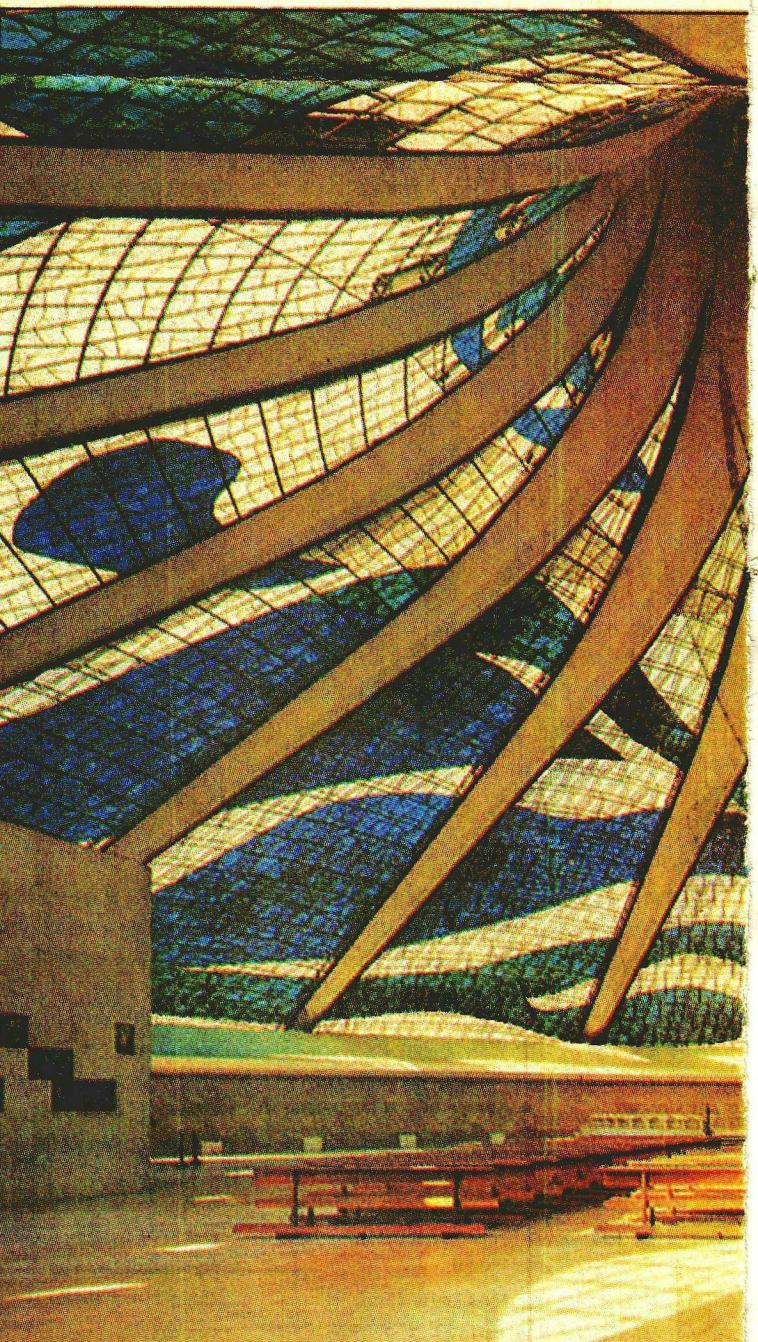
Desenho de Marianne Peretti que, além da vasta produção com vidro, tem uma série de trabalhos com móveis e objetos

Seus trabalhos funcionam como um cartões-postais da cidade, criaram q

individual ofuscada pelas



As fotografias de Todd Eberle (ao lado) e de Robert Polidori (abaixo), expostas na mostra de aniversário da cidade, revelam os anjos de Alfredo Ceschiatti e o vitral de Marianne Peretti que ilustram boa parte dos cartões-postais da capital brasileira



Divulgação



Marianne, Bulcão e Ceschiatti, com Niemeyer, em Brasília

# CIDADE DE BRASÍLIA

ia espécie de acabamento para a obra de Oscar Niemeyer, mas  
riatti e Athos Bulcão, mesmo ilustrando a maior parte dos  
uase sempre em anonimato ou tiveram sua trajetória artística  
colaborações nos edifícios projetados pelo arquiteto

Divulgação



## CESCHIATTI

**P**oucos escultores brasileiros tiveram seu trabalho reproduzido como o do mineiro Alfredo Ceschiatti (1918-1989). Obras suas como o bronze *As Banhistas* e a famosa *Os Três Poderes* (uma espécie de símbolo de Brasília) foram divulgadas em larguissima escala por diferentes meios – de cartões-postais a imagens de TV – desde a inauguração da capital brasileira.

Mas o mesmo não ocorre com a sua assinatura. São raros os folhetos de promoção turística ou documentários sobre a arquitetura de Brasília que dão o destaque devido ao nome do artista. Ele é mais um dos colaboradores do autor de Brasília que ajudaram a construir a imagem do modernismo de Niemeyer, praticamente à sua sombra.

Além do clássico trio em granito – o aviador, o soldado e o marinheiro que estão no Monumento aos Pracinhas – e das mulheres enxugando os cabelos no espelho d’água do Palácio da Alvorada, Ceschiatti é o criador dos anjos que flutuam no céu da Catedral de Brasília, um dos marcos da capital.

Os anjos de Ceschiatti foram alguns dos personagens principais da mostra fotográfica *Brasília de 0 a 40 Anos*. A exposição em comemoração ao aniversário da capital brasileira, realizada na própria cidade, reuniu imagens de Joaquim Paiva, Todd Eberle e Robert Polidori, algumas delas, publicadas nestas páginas, como o interior da catedral, de Polidori, que mostra as peças de Ces-



Obra do escultor no Palácio da Alvorada é uma das constantes nos cartões-postais de Brasília

chiatti com o teto de Marianne ao fundo ou, a de Eberle, que apresenta as mesmas obras, de um outro ângulo.

O escultor é, portanto, responsável por verdadeiros emblemas brasilienses, detalhes que muitas vezes traduzem para o mundo a obra de Oscar Niemeyer. São dele também a portentosa *Justiça*, que fica em frente do Supremo Tribunal Federal, e *As Duas Irmãs*, no Itamaraty, esta última uma escultura inspirada no filme *Persona*, de Bergman.

Nos anos 40, o quarto filho de uma família de italianos deixou Belo Horizonte para estudar na Escola Nacional de Belas Artes. Apesar de seu imenso respeito pela arte acadêmica, sua criação foi considerada modernista pela instituição. Assim, o artista juntou-se aos colegas “subversivos”, já que aquela gestão da escola considerava comunista qualquer obra de aluno que não seguisse tão e

somente os princípios da academia, e montou uma exposição na Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

Na ocasião conheceu Niemeyer, que o convidou para participar do projeto que estava preparando para a Pampulha, em Belo Horizonte, do qual também participaram Burle Marx, Portinari e José Pedrosa.

### De Santo Cristo a Copacabana

– O baixo-relevo criado para a igreja de São Francisco de Assis rendeu-lhe um dinheiro que, com descrevia na época, “deu para mudar de um quartinho em Santo Cristo para Copacabana”. Depois disso, ganhou prêmios, como o do Salão de Arte Moderna, que o levou a Paris, onde bebeu muito do existencialismo do período.

Quando convidado para trabalhar na Pampulha, Ceschiatti criou obras de caráter nitidamente religioso. Uma delas, entretan-

to, desafiou a moral da cidade da época.

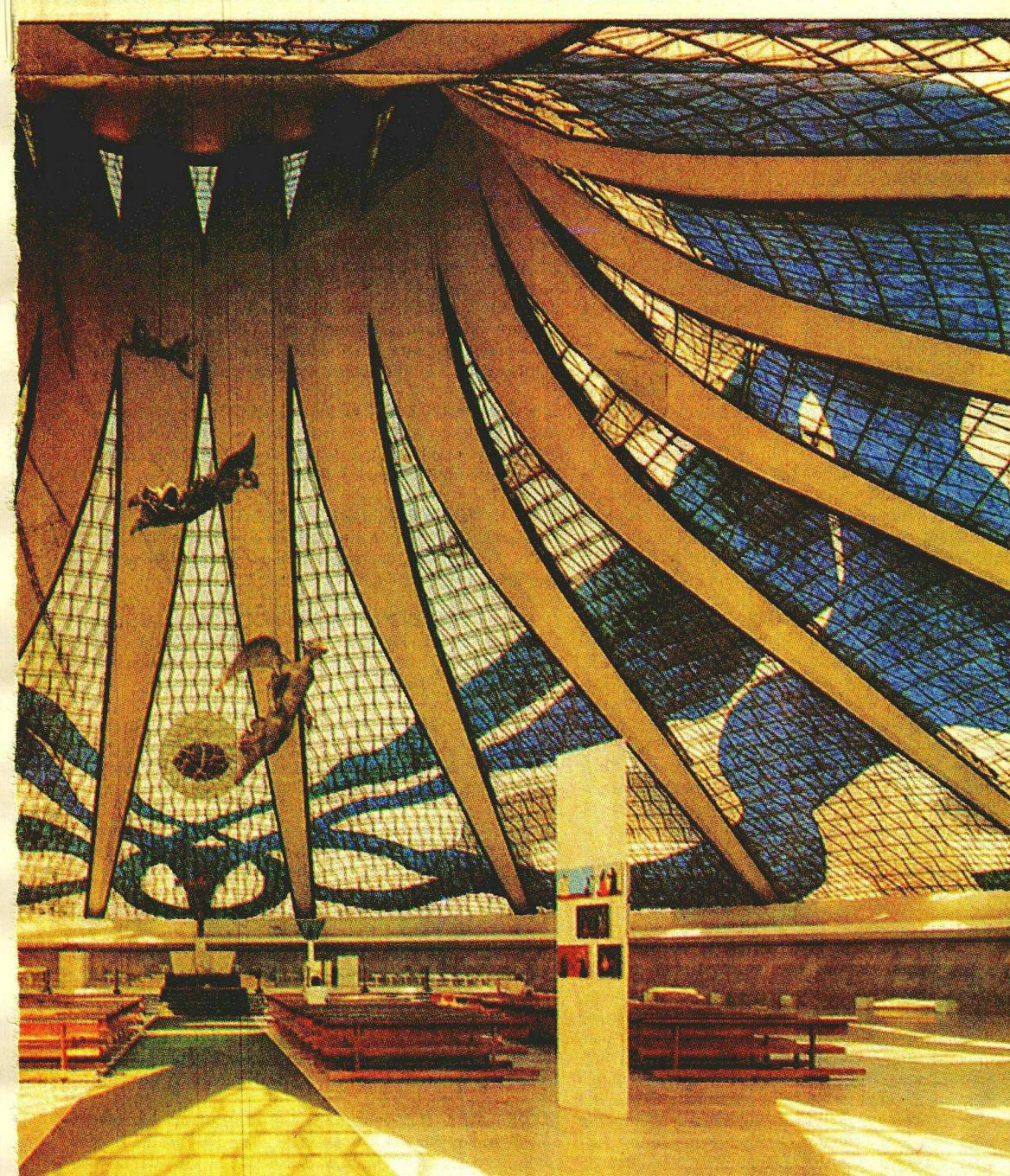
Uma peça criada originalmente para o Golfe Clube da Pampulha foi banida de seu local de exibição depois de uma espécie de denúncia do diário local. O jornal teria publicado que a escultura, composta por dois corpos femininos, sugeria “atitudes suspeitas”.

O fato não interrompeu a atividade de Ceschiatti, que também criou obras para fora do Brasil, como *Baía de Guanabara*, feita para o bairro de Hense, em Berlim, *Mulher com Maçã*, para a Embaixada do Brasil em Moscou, e *Adão e Eva*, para o Museu de Toronto, no Canadá.

Depois de Brasília, entretanto, ele realizou poucas exposições no País. Seu trabalho acabou fortemente voltado para os espaços públicos. Mas até a sua morte, aos 71 anos, continuou a criar em um ateliê que manteve no bairro de Santo Cristo. (A.W.)

## ATHOS BULCÃO

Divulgação



**A**thos Bulcão é responsável pela quebra da monotonia de uma parte significativa das imensidões de concreto armado de Brasília. São da autoria do pintor, um dos indicados para o Prêmio Multicultural 2000 Estação Cultura deste ano (cuja apuração dos votos será realizada hoje de manhã), grandes murais de azulejos coloridos, composições de cunho construtivista como a fachada azul e branca do Palácio do Itamaraty, além dos murais internos do local; os painéis em relevo claro e escuro do Palácio do Jaburu; o grande relevo em mármore do Teatro Nacional de Brasília e uma infinidade de paredes internas e externas da Capela da Alvorada, do Memorial Jucelino Kubitschek e da Câmara dos Deputados. Não é à toa que a obra de Athos é conhecida pela sua associação com Niemeyer.

Mas a verdade é que a trajetória do artista carioca é bem mais ampla que a sua atividade em parceria com arquitetura (ele também tem uma série de trabalhos nos hospitais de João Filgueiras Lima, Lelé). “O meu trabalho acabou sendo muito associado à arquitetura e ao construtivismo”, contou o artista ao *Estado*, em seu apartamento na Asa Sul de Brasília. “O que é um equívoco, pois jamais segui um movimento artístico único e sempre realizei

trabalhos bastante diferentes dos projetos para os murais e fachadas que fiz para Niemeyer e Lelé, meus dois grandes amigos e parceiros.”

Na década de 50, por exemplo, o ex-estudante de Medicina criava fotomontagens surrealistas, uma novidade por aqui na época. “Esse é um trabalho que estou retomando agora”, contou ele, que recentemente realizou uma série de retratos montados usando imagens de pedras de quartzo que guarda em casa. As pranchas, que abriga em seu apartamento, ainda não estão na mira de nenhuma exposição.

Divulgação



Fachada do Teatro Nacional de Brasília, um projeto de Bulcão

**Multiplicidade** – Mas Bulcão acredita que essa identificação excessiva entre seu trabalho e a arquitetura foi amenizada pela retrospectiva realizada na Pinacoteca do Estado em 1998. “Nessa mostra, meu trabalho foi apresentado com a multiplicidade que o caracteriza.”

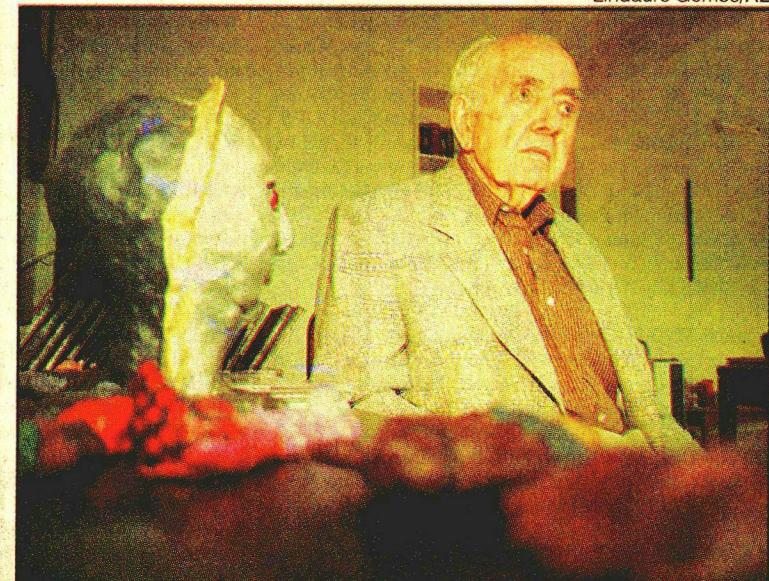
No catálogo daquela mostra, Fernando Cocchiarale batizou a breve biografia crítica da introdução de *Uma Trajetória Plural*, na qual destaca a integração modular da obra de Bulcão com a arquitetura, como uma articulação pessoal. No mesmo texto ele diferencia a atuação do artista com a de Ceschiatti, por exemplo, pela capacidade de construção conjunta. Fato que Lelé confirma: “Athos sempre teve uma atitude de enorme respeito com a arquitetura; tão grande que as obras realizadas para os edifícios que projetei sempre apresentaram uma integração tal que o prédio parece funcionar como moldura para elas.”

O carioca Bulcão mudou-se para Brasília em 1958, ano em que a utopia começava a ser posta de pé. Ele conta que não pensava em se mudar quando visitava o local naquele ano. Foi a luminosidade do lugar que o fez trocar a orla carioca pela cidade ainda por fazer.

Lá, onde hoje matém a fundação Athos Bulcão, o artista continua trabalhando em seu ateliê, de onde pouco sai. Este ano, entretanto, pretende levar seus trabalhos mais recentes, uma série de desenhos sobre carnaval, feitos com caneta hidrográfica e batizados de *O Olho da Odalisca*, para exposições pelo País. (A.W.)

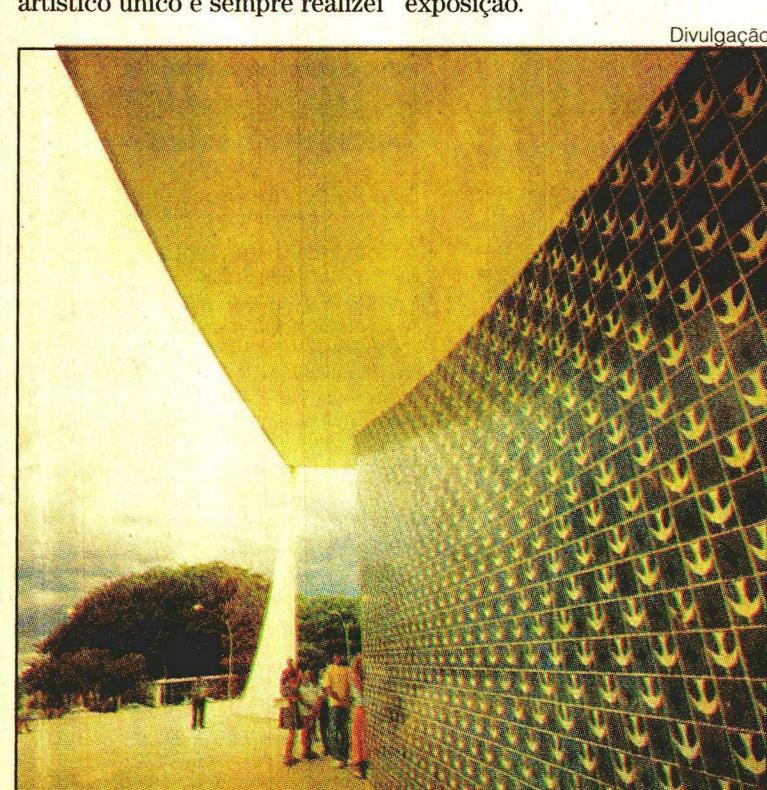
Jason Magno/Lumiar

Lindauro Gomes/AE



Marianne vive hoje em Olinda

O carioca Athos Bulcão nunca mais deixou a capital do País



Painel da Igrejinha Nossa Senhora de Fátima, de Athos Bulcão